

Coreia – a guerra que nunca terminou

Guilherme Antônio Dias Pereira ^a

Resumo: O presente texto busca tecer uma análise da atual situação de confronto na região da península coreana, tendo como protagonistas a Coreia do Norte e os Estados Unidos da América juntamente com seus atuais aliados da região, a Coreia do Sul e o Japão.

Palavras-chave: Geopolítica, guerra nuclear, Ásia, Guerra da Coreia.

A península coreana é uma área historicamente conturbada, marcada por séculos de lutas intestinas e por sucessivas tentativas frustradas de ocupação desde o Império Mongol. Porém, a atual conjuntura deriva de um mal resolvido conflito logo após o final da 2ª Guerra Mundial, travado entre o sul da península até então sob domínio japonês, “libertado” pelas tropas americanas ao final da guerra, e o norte do país sob influência dos regimes comunistas das vizinhas China e União Soviética.

O conflito iniciou-se com uma bem sucedida invasão do Sul da Coreia pelos comunistas e com a tomada da capital Seul. As forças americanas aquarteladas no sul prepararam sua intervenção sob o comando do general Douglas MacArthur, então responsável pela administração militar do derrotado Japão e de sua antiga zona de influência, enquanto o Governo Americano pressionava as Organizações das Nações Unidas (ONU) em busca de uma resolução que fosse favorável à intervenção militar.

^a Analista de sistemas. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



A Guerra da Coreia começou para valer em 1950 e se arrastou por quase quatro sangrentos anos. Inicialmente, o revide das tropas americanas, sob chancela da ONU, empurrou os comunistas de volta à fronteira com a China. Esta, por sua vez, interveio ao lado da guerrilha comunista coreana de forma não oficial, fornecendo não só armamento de terra e ar, mas igualmente tropas de linha que, mais uma vez, pressionaram as forças da ONU em direção ao sul, ameaçando-as de uma derrota tão fragorosa que o general MacArthur chegou a cogitar no uso de armas nucleares para deter a enxurrada das tropas comunistas.

Finalmente, sob a pressão da União Soviética e da China no Conselho de Segurança da ONU e, diante da ameaça do conflito degenerar-se numa confrontação nuclear entre as duas superpotências de um mundo bipolarizado, foi estabelecido, em 1953, um “cessar fogo” ao longo do Paralelo 38, dividindo a Coreia em dois países: o Norte sob regime comunista e o Sul sob uma

ditadura de direita “disfarçada” garantida pelos americanos, algo semelhante ao que aconteceria com o Vietnã alguns anos depois.

Na prática, o “cessar fogo” jamais foi sucedido por um acordo de paz e o estado de permanente tensão e beligerância na fronteira do Paralelo 38 perdura até os dias atuais.

Todo esse imbróglio surgiu da conturbada situação geopolítica nascida do final da 2ª Guerra Mundial.

Antes que os canhões se calassem na Europa, em maio de 1945, o mundo já se via dividido entre o comunismo, capitaneado pela União Soviética e por seus países satélites europeus, e o Capitalismo, sob a influência dos Estados Unidos da América (EUA); a Europa Ocidental permanecendo isolada do Leste Europeu por uma “Cortina de Ferro”.

Esta situação explosiva, agravada pelo nascimento das armas atômicas de fissão, que logo se tornariam armas termonucleares de fusão de Hidrogênio, fez com que os interesses americanos de utilizar o arquipélago japonês com um porta-



aviões insubmersível na fronteira leste da Rússia Soviética superassem, rapidamente, seu rancor contra o Japão.

A Rússia Soviética, por sua vez, aproveitara o final da 2ª Guerra para invadir a Manchúria, então sob domínio japonês e, com um exército de 1,5 milhão de homens, numa manobra magistral muito pouco conhecida, cercar e derrotar o Exército Japonês de “Manchukuo” com seus mais de um milhão de homens fanatizados pelos ideais do “Memorial Tomaka”, o plano geopolítico japonês para a dominação do sudeste asiático.

Foi esta necessidade de trazer o Japão para o seu lado que levou os americanos a serem muito menos severos com os japoneses do que com seus aliados alemães.

O fato é que os japoneses cometeram, no pacífico, atrocidades, em especial na China, na Coreia e no Vietnã, que em nada ficaram devendo aos “carrascos nazistas das SS”. Muito pelo contrário, em não poucos casos, ultrapassando-os em barbárie. No entanto, à exceção de

casos antológicos como os dos generais Tojo e Yamashita, pouco se fez para apurar responsabilidades, mantido, inclusive, o Imperador Hirohito em seu trono.

Fato é que um profundo ressentimento destes povos para com o povo japonês permanece vivo até nossos dias. É nesse cenário cinzento, repleto de rancores, que surge a figura do ditador coreano Kim Jon-un, herdeiro de uma família de oligarcas que domina a Coreia do Norte há décadas.

Não seria novidade, mais um títere terceiro-mundista, não fosse pelo detalhe de ter ele, em suas mãos um tanto ou quanto descontroladas, um conjunto já razoável de artefatos nucleares e, pior, de seus “vetores de lançamento” com crescente alcance, já capazes, talvez, de alcançarem o próprio território americano.

Não seria tão preocupante se as ameaças insensatas do ditador coreano não encontrassem eco nos EUA em um “Falcão Republicano” egocêntrico como Donald Trump e se



não tivéssemos uma Rússia controlada por um Vladimir Putin que sonha eternizar-se como czar.

A situação, em que pesem os “panos quentes da ONU”, é complexa e delicada. No momento, o ditador coreano nada tem feito além de vociferar com uma retórica já de muito conhecida. O problema é que,

suicida com bombas sobre Guam, pobre paraíso tropical das Marianas, que tanto já sofreu nas mãos dos japoneses. Já ameaçou com artefatos nucleares o Alaska e a “Costa Oeste”, pobre Hollywood! Agora, chegou a vez do Japão. Por duas vezes, mísseis de médio e longo alcance cruzaram os céus das ilhas ja-



A Guerra da Coreia desestabilizou o continente asiático no pós-2ª Guerra Mundial. Seus reflexos são percebidos até os dias atuais

em seu contínuo blefe, ele não parece saber direito que alvo escolher. Já ameaçou os americanos de forma

ponesas numa aparente demonstração de força que traz em seu bojo uma velada ameaça. Será que o



“Ilustre Senhor” mudou de foco? Ou esse sempre foi seu “verdadeiro” foco? Seria, em sua concepção, uma “jogada de mestre” capaz de atrair a simpatia de todos os povos vitimados pela bárbara ocupação japonesa durante a 2ª Guerra Mundial. Será o Japão, hoje aliado dos EUA, o verdadeiro alvo? Afinal, o Japão, por seu recente e trágico passado, renunciou às armas nucleares e não permite sua presença no território metropolitano, embora feche os olhos para o arsenal de seu poderoso aliado transitando em seus mares interiores.

E se a Coreia atacar o Japão? Será que os americanos vão chegar a uma intervenção pelos japoneses que tanto lhes custaram em sangue na 2ª Guerra Mundial? Será que a Coreia do Sul que, até hoje, cobra desculpas formais ao Governo Japonês por suas atrocidades vai ficar muito triste? Será que a China, que padeceu um inferno nas mãos da ocupação japonesa, vai protestar com muita veemência?

Examinemos, de perto, este improvável cenário.

A Coreia do Norte, segundo os estudos estratégicos mais recentes, pode ter uma reserva de até 60 artefatos nucleares de baixa e média potência (de quilotons a até 1 megaton).

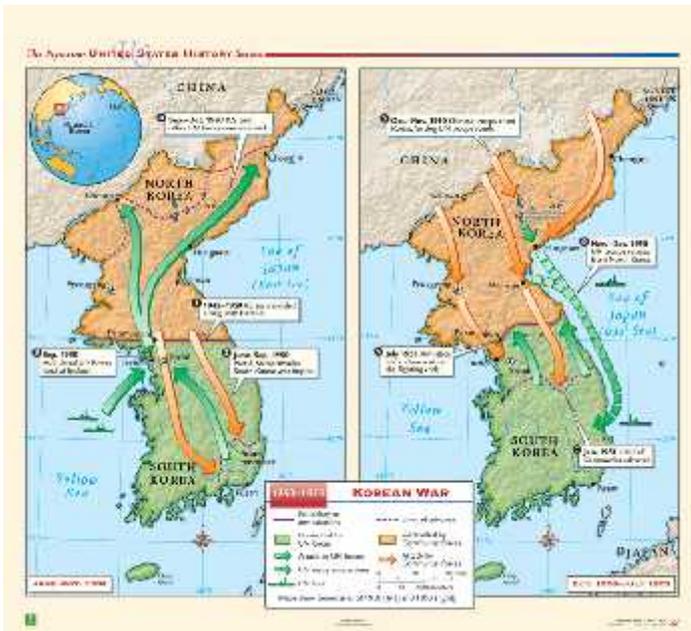
Como já foi noticiado e alardeado, um artefato termonuclear foi detonado de forma subterrânea pela Coreia do Norte recentemente, provocando um terremoto de grande magnitude, detectado na China e arredores. Todavia, pela potência da explosão pode se tratar de um artefato de “fissão melhorada”, uma arma atômica envolta por uma capa de Deutério e Trítio para potencializar seus efeitos.

O que sabemos de prático? Segundo analistas bem informados, é provável que a Coreia do Norte disponha de dez artefatos nucleares para pronto uso. Se forem de potência igual aos de Hiroshima e Nagasaki (entre dez e doze quilotons), podem causar um tremendo estrago se lançados sobre cidades (alvos de contravalor), mas qual a capacidade efetiva de lançamento dos coreanos?



Que eles têm mísseis de curto, médio e longo alcance, copiados dos chineses, é um fato. Se esses “vetores balísticos” têm capacidade de portar ogivas nucleares ou se as bombas nucleares norte-coreanas são portáteis o bastante para lança-

Bem, os EUA estão pressionando a ONU para a adoção de medidas severas de bloqueio econômico à Coreia do Norte, bloqueio que seria garantido por uma intervenção naval americana. Isso rapidamente sufocaria a Coreia, mesmo



Mapa mostrando as principais fases da Guerra da Coreia

mento, é uma questão em aberto.

Admitamos que sim. Como o presente cenário poderia evoluir para uma situação capaz de levar a um confronto?

que mercadorias essenciais continuassem fluindo das fronteiras terrestres da China e da Rússia.

Como a história já nos mostrou, esses bloqueios dificilmente



funcionam. O mais bem sucedido foi o de Cuba, que é uma ilha, mas a verdade é que Krushev usou os mísseis de Cuba como moeda de troca para eliminar a ameaça dos mísseis Júpiter americanos instalados na Turquia em alerta de 5 minutos. A “crise dos mísseis” de Cuba é vendida como uma vitória americana e do “mundo livre”, mas, se houvesse realmente sido, Krushev não sobreviveria ao natural expurgo que sofreria no Politiburo.

O último grande bloqueio marítimo e econômico movido contra um país foi o bloqueio contra o Japão pouco antes da 2ª Guerra Mundial, deu no que deu!

O Japão, uma “república”, melhor, um “Império de arroz” insular até a 2ª Guerra Mundial, desenvolveu seu “Memorial Tomaka”, versão asiática do “Espaço Vital” alemão. O Japão era um país militarizado, focado numa devoção fanática à seu Imperador, estrangulado economicamente pelas potências ocidentais, então resolveu tomar “na marra” as matérias primas e o espaço territorial que, a seus olhos, lhe era negado. Resultado, quase

cinco anos de uma guerra sangrenta ao final da qual as potências europeias, arrasadas e empobrecidas pelo conflito, tiveram de abrir mão de suas possessões ultramarinas. (isso não levando em conta a muito anterior ocupação da Manchúria pelo exército de Kwantung - 1931. Lembrar que, desde a vitória naval japonesa em Tsushima – 1904 – e a conseqüente perda de Port Arthur pelos russos, em 1905, o Japão se sagrara como uma respeitável potência militar).

Aos americanos, no fim da 2ª Guerra, restava a opção de, ou pagar um preço de 500 mil a 1 milhão de baixas para invadir o Japão ou destruí-lo com bombas nucleares. Bastaram duas, que também serviram como um aviso aos soviéticos que ainda não dispunham de armas semelhantes, o que desencadeou a “Guerra Fria”, que tirou o sono do mundo por 47 anos (em particular a seu ditador, Josef Stalin, que avançava, insaciável, sobre a Europa e que já destruíra o exército japonês de “Manchukuo”, podendo, igualmente, atacar as ilhas japonesas se



vislumbrasse ser esse um bom negócio).

Assim, é muito provável que um bloqueio não só não dobre o “obstinado coreano” como acabe levando-o a uma atitude desesperada que precipite uma situação insustentável. É irônico como se repetem erros históricos de avaliação, em especial político-estratégicos pelos EUA. Como todo ditador, ainda mais “ditador pobre”, seu regime vive, fundamentalmente, de ameaças e sucessos. O sufocar econômico poderá gerar descontentamento em seu principal sustentáculo, as Forças Armadas, o que poderá levá-lo a uma “desesperada” demonstração de força. Nesse caso, quem seria o mais provável alvo? Os EUA? Muito pouco provável, até porque a retaliação seria catastrófica para a Coreia. Os EUA possuem 18 submarinos nucleares porta mísseis Classe *Ohio*, fora os demais, num total “oficial” de 75 submarinos nucleares. Quatorze são equipados com 24 silos, cada qual com 1 míssil com alcance efetivo de 5 a 6 mil quilômetros, dotados com dez ogivas nucleares MIRV, com

estimados 100 quilotons cada (não esquecer que as bombas lançadas sobre o Japão em 1945 – Hiroshima e Nagasaki – eram bombas entre dez e doze quilotons). São 240 ogivas por submarino, 3.360 ogivas no total, ou seja, um único desses submarinos pode reduzir a Coreia a pó (os quatro submarinos restantes estão equipados com 150 mísseis *Cruise* cada. Segundo as últimas informações “oficiais” estão sendo desenvolvidas ogivas nucleares táticas para serem utilizadas neles).

Quem escolheria, então, a Coreia do Sul? Um único ataque nuclear contra Seul não só produziria um notável número de baixas civis, mas poderia funcionar como o prelúdio de uma invasão à qual o Exército Sul Coreano não conseguiria se opor. Se os EUA intervissem, teríamos um segundo Vietnã, que poderia envolver a China e, no final, os americanos seriam forçados a recorrer aos armamentos nucleares, desta feita, talvez, contra a China inclusive.

E o Japão? Bem, seria um alvo até “historicamente justificável”, uma espécie de “toma o troco”, que



não despertaria muita pena ou revolta nos demais povos da região. Espernariam um pouco na ONU, pura hipocrisia, mas por dentro estariam adorando! O problema? Os americanos, para não perderem a moral e um aliado poderoso, teriam que vir em defesa do Japão e dar o troco na Coreia do Norte.

Infelizmente, a península coreana faz fronteira com a China, conforme já mencionado, e com a Rússia. A fronteira russa é um quase deserto, mas a chinesa tem, em confrontação direta, Xangai e Pequim que sofrerão os efeitos deletérios da radioatividade por causa da direção das correntes de vento no hemisfério norte. Diante disso, a China, outro governo ditatorial que se sustenta na demonstração de força, vivendo um estranho sistema híbrido capitalista-comunista terá que retaliar para não perder seu espaço hegemônico no sudeste asiático e no extremo oriente. Então, ela terá que retaliar sobre alvos americanos, sejam eles no Japão, nas possessões ultramarinas (Guam, Midway, Pearl Harbor – como sempre, a história se

repetindo...) ou no próprio território metropolitano dos EUA.

A China tem, hoje, perto de 300 vetores e bombas nucleares e termonucleares, dessas, umas 200 são operacionais para uso imediato. Os EUA tem 9.970, destas, 2.750 prontas para uso imediato.

O problema é que retaliar sobre a China é criar um desastre nuclear sobre a Rússia e a Europa de proporções bíblicas, que fará de Chernobil uma bombinha de São João.

Os russos não vão deixar por menos e eles têm 7.300 vetores, 1.790 para pronto uso... Somados, os artefatos americanos e russos de pronto uso ultrapassam o “famoso” limiar dos 3 mil megatons, podendo mergulhar o mundo no caos da destruição em chamas do Armagedon Bíblico, seguido pelo Ragnarok, o “Crepúsculo dos Deuses” da mitologia germânica, a morte no frio e na escuridão, se o confronto se der no verão do hemisfério norte. Isso tem um nome técnico; “ESCALADA”.

Em suma, adeus civilização humana! Ironicamente, o restante



do “mundo armado” acumula, “apenas”, 1.433 ogivas nucleares, das quais aproximadamente 1.000 em estado de prontidão.

O que pode ser feito? Não podemos esperar “bom senso” do ditador coreano. Não podemos esperar muita coisa do Presidente Trump. Putin é um oportunista e um excelente jogador de xadrez como bom russo. Fará o que acredita ser o melhor para ele em que pesem os riscos.

Então, a coisa fica por conta dos chineses que, de imediato, terão mais a perder. No momento, caberá a eles conter seu “pequinhês” enfurecido.

De prático, passada a “crise”, acredito, como tantas outras já se passaram sem maiores consequências, é hora de pensarmos seriamente o que fazer com todo esse arsenal que, há tanto, acumulamos. Não sejamos infantis em acreditar num desarmamento, mas precisamos, conscientemente, trabalhar para uma significativa redução desses arsenais nucleares, químicos e biológicos a um ponto “sustentável”, digamos, 100 a 200 megatons

por potência em mísseis MIRV de 1 megaton com dez ogivas de 100 quilotons cada. Já dá para fazer uma “senhora lambança”, mas nos mantendo a salvo do extermínio. Quem sabe, um dia, chegaremos lá!

A questão é simples; domar o poder nuclear ou nos prepararmos para a EXTINÇÃO! Domar a “fera” que se esconde em nosso âmago, predadores que somos. O maior predador social já surgido sobre a face deste “pálido ponto azul”...

Permitir que nossa história seja marcada pelos grandes vultos individuais que nossa inteligência nos gerou ao longo das eras e não por nossa fraticida e hedionda estupidez coletiva! A escolha é nossa. Sempre foi... Nenhum DEUS, nenhum ET “bonzinho” virá, no último minuto, em nosso socorro.

Esperemos, então, fazê-la sabiamente...